

## O PROCESSO CRIATIVO EM NOSSOS TEMPOS, OS TEMPOS DA INTERNET

Camila Canali Doval

[cami.doval@gmail.com](mailto:cami.doval@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/9311784541538265>

Nossos tempos são tempos da internet. Quase tudo está dentro dela — ou quase nada fora — e num **entrelugar** talvez ainda esteja a literatura. Os escritores estão na rede e não somente em textos compartilhados por internautas através de correntes infinitas (que põem em dúvida autoria e fidedignidade de conteúdos); eles mantêm seus próprios sites, seus perfis em redes sociais, alimentam seus blogs, tuítam suas opiniões, correspondem-se com seus leitores, divulgam-se e... **escrevem**. Talvez para atingirem todas as camadas possíveis de público, talvez por medo de serem substituídos por escritores amadores, talvez simplesmente porque tenham se rendido a um instrumento de força, alcance — e fascínio — inegáveis, os escritores cada vez mais publicam suas criações na rede antes mesmo de publicá-las em livros.

Trata-se de uma mudança de era; caso ainda não em termos de escrita literária, com certeza em termos de mercado literário e hábitos de leitura. Pela internet, tem-se acesso com a mesma facilidade tanto a textos inéditos dos novos autores quanto a clássicos universais, gratuitamente. A loja virtual Amazon já declarou estar vendendo mais livros eletrônicos do que impressos<sup>1</sup>. Em 2011, o escritor John Locke<sup>2</sup> vendeu mais de um milhão de e-books pela Amazon, sendo o primeiro livro de autopublicação a atingir essa marca. Se foi uma boa estratégia ou não, em termos publicitários e financeiros, é assunto discutido por críticos e especialistas na área editorial, mas o fato é que publicar sem intermédio de editoras é hoje uma realidade ao alcance de qualquer escritor. Enquanto esse sistema não toma conta do mercado, os escritores vão mesclando o

---

1 AMAZON já vende mais livros eletrônicos do que impressos. In: **Exame.com**. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/amazon-ja-vende-mais-livros-eletronicos-do-que-impressos> Acesso em 2 de dez. 2012.

2 JOHN LOCKE (AUTHOR). In: WIKIPEDIA. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Locke\\_\(author\)](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Locke_(author)) Acesso em 1 de dez. 2012.

suporte para a divulgação de seus escritos e, aos poucos, incorporando a internet ao cotidiano da literatura.

Diante dos fatos, o semiólogo Umberto Eco e o escritor e cineasta Jean-Claude Carrière discutiram o tema em 2010, na obra **Não contem com o fim do livro**, na qual realizam um debate “sobre como a história dos livros e o amor a eles os salvarão ante as transformações anunciadas pela adoção do livro eletrônico”<sup>3</sup>, acalmando os ânimos dos leitores resistentes ao garantir a perenidade do papel.

José Saramago, o célebre escritor português, no auge de seus 86 anos aderiu ao blog **O caderno**<sup>4</sup>, o qual manteve alimentado à medida do possível até a sua morte. Saramago referia-se ao instrumento como “a página infinita da internet”, definição que cunhou no post de 25 de novembro de 2008<sup>5</sup>, escrito após uma coletiva de imprensa em São Paulo, em que foi perguntado sobre a sua condição de blogueiro:

Será que, aqui, melhor dito, nos assemelhamos todos? É isto o mais parecido com o poder dos cidadãos? Somos mais companheiros quando escrevemos na Internet? Não tenho respostas, apenas constato as perguntas. E gosto de estar escrevendo aqui agora. Não sei se é mais democrático, sei que me sinto igual ao jovem de cabelo alvoroçado e óculos de aro, que com os seus vinte e poucos anos, me questionava. Seguramente para um blog.

Saramago escrevia na internet com restrições, conforme deixava claro em entrevistas, sempre avesso a um mergulho mais profundo na rede além do referido blog. No entanto, escreveu nele com regularidade e, em 2009, **O caderno** virou livro impresso, uma consequência natural do trabalho do escritor, como se pode concluir da sua fala: “É

---

3 ESCRITORES refletem sobre internet e suas relações com jornalismo, livro, biblioteca, blogs e cinema. In: **CISECO** – Centro Internacional de Semiótica e comunicação. Disponível em:

<http://www.ciseco.org.br/index.php/noticias/12-gerais/142-livros-internet.html> Acesso em 1 de dez. 2012.

4 SARAMAGO, José. **O caderno de José Saramago**. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/> Acesso em 1 de dez. 2012.

5 Idem. Disponível em <http://caderno.josesaramago.org/13749.html> Acesso em 1 de dez. 2012.

proibido a gente que tem 86 anos escrever num blogue? Não. É caso para surpresa? Estou a fazer o que faço há anos — escrever”<sup>6</sup>.

Se para Saramago a internet é apenas mais um suporte para uma tarefa que realizaria de qualquer modo, para o escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, autor de dez romances, além de peças, contos, ensaios, traduções, adaptações para a televisão e uma volumosa produção como cronista, a rede pode se transformar num sério empecilho para o trabalho. Em 2011, ele desabafou<sup>7</sup>:

Comecei três vezes um romance este ano. Tenho três começos escritos, cada um com umas 50 páginas. São três livros diferentes que desandaram porque não pude me concentrar neles. Meus planos em 2012 são de me trancar pelo menos nas manhãs para escrever. Senão minha obra futura será constituída basicamente de e-mails. E não quero isso não.

O autor é taxativo ao avaliar os malefícios da internet para o trabalho criativo: “É uma perdição se o sujeito não mantiver a cabeça muito equilibrada”.

Por sua vez, Fabrício Carpinejar, escritor gaúcho, tem demonstrado que a internet é uma forma de viver a escrita em tempo integral. Além de publicar praticamente uma crônica por dia em seu blog<sup>8</sup> e coletá-las periodicamente para publicação em livro, o escritor ainda alimenta o seu perfil no twitter<sup>9</sup> de maneira compulsiva. Em 2009, lançou **[www.twitter.com/carpinejar](http://www.twitter.com/carpinejar): a poesia em 140 caracteres**, em que apresenta 416 das quase mil máximas “tuitadas” por ele até então. É com muita espontaneidade que o escritor se rendeu ao instrumento e o incorporou ao seu cotidiano de escrita. Para ele, a escrita on-line se relaciona com a autenticidade de si mesmo, e a interação imediata com o público só tende a colaborar com a produção do escritor:

---

6 CARDOSO, Joana Amaral. "O Caderno": José Saramago "bloguista". Entrevista concedida para o site **Público** em 18 de junho de 2010. Disponível em: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/o-caderno-jose-saramago-bloguista-1442537> Acesso em 1 de dez. 2012.

7 LOES, João. João Ubaldo Ribeiro: “a internet é a perdição do escritor”. Entrevista concedida em 22 de julho de 2011 para o site **Istoé independente**. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/147801\\_A+INTERNET+E+A+PERDICA0+DO+ESCRIT0R+](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/147801_A+INTERNET+E+A+PERDICA0+DO+ESCRIT0R+) Acesso em 1 de dez. 2012.

8 Disponível em: <http://carpinejar.blogspot.com.br/> Acesso em 1 de dez. 2012.

9 Disponível em: <https://twitter.com/CARPINEJAR>

A vida literária mudou muito com os sites e revistas eletrônicas. Não há mais aquela supremacia de informação, tudo pode ser discutido, analisado e debatido informalmente. Poetas sem entrada no mercado adquiriram uma forma de obter resposta e recepção, capazes de mostrar sua produção, crescer com os comentários e estrear com muito mais segurança. A internet, paradoxalmente, vai nos ensinar a arte da paciência: menos pressa da fama e mais fome pelo verdadeiro<sup>10</sup>.

É a partir dos exemplos da relação desses autores com a escrita na internet, além da observação empírica do fenômeno no meu cotidiano como estudante de literatura, que fundamento a relevância deste trabalho. Tanto as publicações em formato e-book, com ou sem editora, concomitantes ou não às versões impressas, quanto as exclusivamente on-line ou ainda as transpostas da internet para o livro impresso, avolumam-se no mercado e modificam o cenário de trabalho de críticos e pesquisadores. Diante dessas evidências e da tarefa de escrever este artigo, minha proposta é analisar as versões de um texto transposto do meio virtual para o impresso.

Para Saramago, "A prática do blog levou muitas pessoas que antes pouco ou nada escreviam a escrever. Pena que muitas delas pensem que não vale a pena se preocupar com a qualidade do que se escreve<sup>11</sup>". Essa declaração pressupõe a observação de que a maior parte dos escritores não tem com um texto publicado na internet o mesmo cuidado que teriam diante da possibilidade de vê-lo publicado em livro. O aspecto efêmero da internet, verdadeiro ou não, contrasta em muito com o volume concreto, encadernado, eternizado na estante, e isso, a princípio, poderia "liberar" um escritor da angústia da autorrevisão. Mas não Saramago: "Pessoalmente cuido tanto do texto de um blog como de uma página de romance<sup>12</sup>", declarou o autor português.

---

10 ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. Entrevista publicada no site Argumento.net em 26 de março de 2009 (concedida em 2002). Disponível em: <http://www.argumento.net/pop-arte/tece/fabricio-carpinejar/> Acesso em 1 de dez. 2012.

11 BLOGS fazem pessoas escreverem pior, diz José Saramago. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1202308-6174,00-BLOGS+FAZEM+PESSOAS+ESCREVEREM+PIOR+DIZ+JOSE+SARAMAGO.html> Acesso em 1 de dez. 2012.

12 Idem.

Seria preciso um trabalho minucioso para confirmar a declaração de Saramago, contrastando os textos do blog **O caderno** com os posteriormente transpostos para o livro impresso **O caderno**. Tal empreitada resultaria não num “tirar a prova” da afirmação do escritor, mas num processo de fixação de textos que podem se perder, por exemplo, com o cancelamento do blog ou alguma possível pane no sistema do provedor. Certamente os textos finais, elegidos pelo escritor como os mais próximos da sua intenção de vir a público, são os compreendidos pela coletânea impressa, realizada ainda sob sua orientação. No entanto, o processo de transposição, suas escolhas, suas rejeições e alterações, suas decisões, enfim, só poderiam ser vislumbradas mediante uma pesquisa que objetivasse a edição crítica, ou ainda, crítica-genética da obra.

Considerar as versões on-line tão legítimas quanto as impressas é uma decisão do pesquisador, a qual se relaciona com os novos tempos da escritura, indissociáveis da internet como suporte. De alguma forma, em muitos casos, essa primeira versão, saída do pulso diretamente para os dedos que teclam, é uma espécie de manuscrito, ou, em termos técnicos, **digitoscritos**, pois o editor de textos dos blogs há um bom tempo se transformou em caderno (não à toa o título de Saramago).

Para ilustrar a importância da fixação dos textos a partir da apresentação e análise de suas edições posteriores, tomo como objeto exemplar o interessante caso de um conto do escritor Charles Kiefer. Provavelmente entre os anos de 2005 e 2006, Kiefer enviou ao site do Projeto Releituras o conto inédito “Caminha, corno”, para constar no perfil destinado a ele. Ao final do texto, o site incluiu a seguinte observação: “O conto acima nos foi enviado gentilmente pelo autor. Inédito, fará parte do livro **Logo tu repousarás também**, em fase de edição<sup>13</sup>.” Tal explicação indica que o conto não foi escrito especificamente para publicação na internet, mas que foi publicado em primeira mão no meio virtual. Ao obter um exemplar da obra **Logo tu repousarás também**, verifico que o conto originalmente intitulado “Caminha, corno” transformou-se em “Gemidos”.

---

13 Disponível em [http://www.releituras.com/ckiefer\\_caminha.asp](http://www.releituras.com/ckiefer_caminha.asp)

O que se perdeu no processo de transposição? O que se ganhou? O que ficou? O que o autor elegeu como definitivo até a última edição do livro? Como resguardar essa primeira edição, on-line, da confusão autoral que se transformou a internet, dos riscos de alteração do conteúdo por terceiros e, é claro, da possibilidade de desaparecimento por inúmeros motivos técnicos, sendo que nem o título do conto dá pistas ao leitor dessa transposição? Ainda, pensando geneticamente, o que nos conta do processo criativo do escritor a observação do movimento de mudança de suporte?

Charles Kiefer é um escritor interessado nos caminhos do processo de criação. É professor das disciplinas de Escrita criativa, Produção de textos poéticos, Oficina de criação literária e Conto brasileiro: teoria e prática, na Pontifícia Universidade Católica do RS – PUCRS, além de orientador de oficinas literárias particulares. Sua prática de escrita há anos está atrelada ao estudo, à pesquisa e, pensando nas oficinas que ministra, no ensino da criação ficcional. Embora, no caso do conto “Gemidos”, o escritor tenha elegido a sua versão definitiva, suponho ser compreensível a ele a necessidade de resgatar e analisar cientificamente o trabalho de transposição que realizou. Minha afirmação baseia-se em dois motivos: além do fato de Charles Kiefer ser um professor da área de Escrita Criativa, ele nunca retirou ou substituiu a versão original do conto do site Releituras, e foi dele a indicação do conto para a realização desta análise.

Charles Kiefer é natural de Três de Maio (RS), onde nasceu em 5 de novembro de 1958<sup>14</sup>. Estreou na ficção em 1982 com **Caminhando na chuva**, novela de temática adolescente, que já vendeu mais de 100.000 exemplares e recebeu edição comemorativa pela Leya Brasil, em 2012. Em 1985, Kiefer ganhou projeção nacional com a novela **O pêndulo do relógio**, agraciada com o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, prêmio que receberia novamente em 1993 e em 1996, com os livros de contos **Um outro olhar e Antologia pessoal**. Por seus mais de 30 livros publicados no Brasil, na França e em Portugal, recebeu dezenas de outros agradecimentos, como o Prêmio Guararapes, da União Brasileira de Escritores, Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, e o Prêmio Altamente Recomendável para Adolescentes, pela Fundação Nacional do Livro

---

14 A maior parte das informações sobre a biografia do escritor foi retirada de seu site pessoal. Disponível em: <http://charleskiefer.blogspot.com.br/p/biografia.html> Acesso em 1 de dez. 2012.

Infantil e Juvenil. As editoras Ática, Record e Leya são suas principais editoras no Brasil. Em 2010, a Leya publicou **Para ser escritor**, obra em que o autor elabora seus mais de 25 anos de experiência como professor de oficinas literárias.

Para realizar este trabalho, eu estava em busca de um texto contemporâneo, que de alguma forma se relacionasse com a internet como suporte de criação, não somente como depósito da versão final da obra. A escolha do conto “Caminha, corno”/”Gemidos” se deu durante uma conversa com o professor Charles Kiefer, que indicou ser este o seu texto com um dos históricos mais peculiares e um dos que mais sofreu alterações até a versão impressa. No primeiro encontro sobre o tema, o escritor anotou num papel o nome do conto como consta no site (“Caminha, corno”) e como consta no livro (“Gemidos”). Num segundo encontro, cedeu-me um exemplar do livro **Logo tu repousarás também**. Após analisar o material e verificar que foram realizadas muitas mudanças de uma versão para a outra, alterando completamente a estrutura do conto e em muito os seus aspectos semânticos, insisti com o escritor para obter uma versão entre as duas, e ele me enviou por email um arquivo Word com todo o livro, conforme entregue à editora Record. Enfim, para iniciar a análise, reuni os seguintes materiais:

Título	Ano	Publicado em
<b>Caminha, corno</b>	Não especificado	Site do Projeto Releituras <a href="http://www.releituras.com/ckiefer_caminha.asp">http://www.releituras.com/ckiefer_caminha.asp</a> Acesso em: 28 de nov. 2012
<b>Gemidos</b>	2006	WORD criado pelo autor Charles Kiefer em 26/02/2006 sob o título “LOGO TU REPOUSARÁS TAMBÉM (5)”, contendo o arquivo com os textos do livro <b>Logo tu repousarás também</b> , enviado à editora Record.
<b>Gemidos</b>	2006	Sétimo conto da obra <b>Logo tu repousarás também</b> , de Charles Kiefer, Rio de Janeiro: Record, p. 41-47.

O conto “Caminha, corno” faz parte do perfil do escritor Charles Kiefer mantido pelo site do Projeto Releituras. O Releituras é um projeto sem fins lucrativos, criado por Arnaldo Nogueira Júnior, com o objetivo de divulgar trabalhos de escritores nacionais e estrangeiros. Está no ar desde 1996 e pode ser acessado pelo endereço

<http://www.releituras.com> O texto de Charles Kiefer é construído num bloco único, sem paragrafação. Não há possibilidade de comentários dos leitores. A versão em arquivo Word do conto “Gemidos”, adaptado de “Caminha, corno” para publicação na obra **Logo tu repousarás também**, foi enviada a mim, por email, pelo escritor Charles Kiefer, no dia 11 de novembro de 2012. O arquivo traz no título o número “5” entre parênteses, sugestionando ser essa a quinta versão salva pelo autor antes ou durante o processo de elaboração do livro junto a editora Record. Esta versão foi descartada da análise final por ser exatamente igual à versão final impressa. Por fim, a versão final impressa do conto “Gemidos” faz parte da obra **Logo tu repousarás também**, publicado em 2006 pela editora Record.

Logo nas primeiras linhas das duas versões (a “primeira versão” será considerada a do site, e a “segunda versão”, a do livro) do conto “Gemidos” percebi a brusca alteração de estrutura que Charles Kiefer realizou. Em “Caminha, corno” ocorria uma espécie de jogral entre as vozes do narrador-protagonista, o médico, e da narradora-testemunha, a enfermeira. A fala dela vem entre aspas, as quais iniciavam na primeira linha e fechavam na última linha do texto, constituindo-se, dessa forma, a enfermeira como principal narradora da história. A voz do médico vem entre parênteses no interior da fala da enfermeira, permeando, dirigindo, recortando o depoimento dela conforme a sua vontade. Eis um exemplo da estrutura utilizada:

Espero que o seu interesse por mendigos passe, ao menos, pela vivência de uma ou duas noites ao relento, nos altos do inverno, sob a marquise de uma calçada. (Mais que escritor, sou médico. E como Pedro Páramo, personagem de Rulfo, só estou querendo saber quem foi meu pai. Não, não é só isso. A traição de Júlia, agora que eu supunha sua carne apaziguada, os e-mails que encontrei em seu computador, trouxeram até aqui.) Sim, o senhor tem razão, viver é recordar. Sem memória, não somos nada [KIEFER, s/d].

Em “Gemidos”, a fala da enfermeira continua sendo a principal narração, aparecendo sempre entre aspas, mas dentro do discurso do médico, que é alterado para a forma indireta com a utilização de verbos **dicendi**. Eis a forma como foi adaptado o trecho citado no exemplo acima:

Escritores, como o senhor, deviam freqüentar as salas de emergência, vendo sangue, osso triturado, cortes de faca, furo de bala. Flaubert, para melhor descrever os tormentos de Ema, tomou, ele próprio, arsênico. Espero que os eu interesse por mendigos passe, ao menos, pela vivência de uma ou duas noites ao relento, nos altos do inverno, sob a marquise de uma calçada.

Mais do que escritor, sou médico. E como Pedro Páramo, só estou querendo saber quem foi meu pai. Não, não é só isso. A traição de Júlia, agora que eu supunha sua carne apaziguada, os e-mails que encontrei em seu computador, trouxeram-me até aqui (KIEFER, 2006, p. 42)

Seguindo com as comparações entre as duas versões, entre as linhas 14 e 20 de “Gemidos”, por exemplo, verifico que a voz do médico no diálogo migra do modo *off* para apresentar questionamentos através dos verbos **dicendi**, como nas inclusões **Olhos castanhos, digo** e **Vi fotos no hospital, respondo**. Entre as linhas 142 e 155 há a inclusão de **Pergunto se o mendigo lhe disse quem era o menino**. “Gemidos”, assim, e como visto no trecho transcrito acima, passa a ter parágrafos, ao contrário de “Caminha, corno”, construído num bloco único.

Muitas foram as escolhas do autor na hora de lapidar seu texto, tanto em termos sintáticos, como na alteração de **Faz-me para me faz**, entre as linhas 26 e 31, e de **recuperou-se** para **se recuperou**, entre as linhas 78 e 90 (muitas outras são apontadas na tabela); quanto em termos semânticos, como na mudança de **para conhecer para vendo**, entre as linhas 32 e 39, e de **de assalto, de estupro** para **violência da cidade**, entre as linhas 142 e 155. Também notei esmero em detalhes que não interferem na compreensão do conto, mas o enriquecem estilisticamente ou, apenas, o tornam mais significativo e simbólico, como na supressão de **personagem de Rulfo**, entre as linhas 40 e 44, e a inclusão de **de Ernesto Sábato**, entre as linhas 60 e 77.

A lapidação linguística e semântica também é realizada a partir do aprimoramento da construção de personagens, como por exemplo, entre as linhas 32 e 39 da segunda versão, em que o autor suprime a fala da enfermeira (...) **além de não temer os clichês — que, afinal, o que seria da literatura, e da vida, sem os clichês? — (...)**, provavelmente buscando maior veracidade. Pelo mesmo motivo pode ter suprimido **Sim, o senhor tem razão, viver é recordar. Sem memória, não somos nada...**, outra fala da enfermeira, entre as linhas 40 e 44, e efetuado a mudança de **presenteei-a com livros**

para **eu e Júlia a presenteávamos com livros**, na fala do médico, entre as linhas 60 e 77.

Uma das mudanças semânticas mais fortes ocorre entre as linhas 142 e 155 de “Gemidos”, em contraste com as linhas 82 a 88 de “Caminha, corno”. Enquanto na primeira versão a mulher aponta o marido para o amante e diz **É manso**, na segunda ela repete o gesto, mas acompanhado da frase **Ele sabe de tudo**. Essa escolha semântica se relaciona diretamente com a mudança do título do conto e com a hipótese de uma lapidação estética da linguagem, a fim de deixá-la mais opaca — **mais literária**, ouso dizer, embora perca um tanto do efeito impactante. A supressão de toda a longa digressão que o médico realiza entre as linhas 88 e 101 de “Caminha, corno”, citada anteriormente, também aponta para o tratamento linguístico, pois neste trecho estavam as referências mais diretas ao termo “corno” e à explicitação do estado interno do personagem-protagonista.

Entre as linhas 53 e 55 de “Gemidos” é incluído todo um parágrafo. Esse trecho constante apenas na segunda versão é a adaptação em poucas linhas de uma longa digressão do personagem-protagonista realizada entre as linhas 88 e 101 de “Caminha, corno”. A propósito, todas as menções diretas ao termo “corno” na primeira versão são suprimidas da segunda, tornando os sentimentos do personagem principal em relação à situação vivida pelo pai mais velados, e conseqüentemente, o texto, mais opaco.

Entre as linhas 78 e 90 de “Gemidos” a fala do mendigo, pai do médico, é passada para itálico, diferente da versão original, em que vinha confundida na fala da enfermeira. Entre as linhas 91 e 107 é incluída uma frase dita pelo médico que mais fornece pistas ao leitor sobre a situação que ele vive no momento em que se passa a narrativa: **Eu não podia imaginar que um dia pudesse compreendê-lo tão profundamente quanto agora** sugestiona que o médico também foi traído pela esposa.

Na segunda versão, observo que o autor trabalha com minúcia as ações realizadas pelos personagens, as quais em muitos momentos estavam confusas na primeira. Exemplos estão na alteração entre as linhas 108 e 123, em que ele inclui a frase **sob um fundo falso no guarda-roupas**, no momento da narrativa em que o pai do médico encontra as cartas do amante da esposa, e entre as linhas 156 e 158, em que

inclui **Lembro dele na cama do hospital, depois da cirurgia, dizendo (...)**.

A reestruturação do diálogo entre médico e enfermeira, com a inclusão da voz do narrador-protagonista, também pode ser observada entre as mesmas linhas 156 e 158 da segunda versão, em que as frases **Não compreendo, digo. Os gemidos dela fizeram com que ele desistisse de matá-los? Foi isso que ele disse, foi isso?**, além de dirigirem a conversa, justificam o novo título do conto e colaboram com o esclarecimento do desfecho da trama. Ainda nessas linhas, foi incluída mais uma informação que reforça esse esclarecimento: **o revólver inútil na ilhargá**. No entanto, a inclusão de um último parágrafo no conto “Gemidos”, entre as linhas 173 e 175, mantém certo suspense para o leitor em torno das atitudes do pai e da relação entre pai e filho, já que o protagonista se refere a uma **imagem falsa** do progenitor, criada com a ajuda do relato da enfermeira e que serve para **consolá-lo**. Por que a imagem do homem que controla sua fúria e não comete um assassinato por compreender o sentimento da esposa é falsa? Por que essa imagem falsa consola o filho? Por que o pai decidiu mendigar? Qual o paradeiro da mãe?

Como a um trabalho de análise textual não competem elucubrações a respeito das possíveis interpretações do texto literários e da intenção do autor, deixo aos leitores de Charles Kiefer a tarefa de chegar a conclusões sobre as questões suscitadas pelo final do conto, seja na primeira ou na segunda versão.

Espero que este trabalho de confronto das edições sirva para fixar tanto o texto final trabalhado pelo autor, intitulado “Gemidos”, publicado no livro **Logo tu repousarás também**, foco do seu trabalho esmerado de revisão, reestruturação e lapidação, quanto o texto publicado na internet, “Caminha, corno”, que sob a concordância de Kiefer se mantém disponível no site do projeto Releituras e, portanto, faz parte do conjunto da sua obra. Pela facilidade que o escritor teria de substituir a versão do site pela versão atualizada, concluo que “Caminha, corno” é igualmente fidedigno a sua intenção final de disponibilização ao público. Talvez, ainda, levando em consideração as reflexões realizadas no início deste trabalho, a ambiguidade, a pluralidade, a intertextualidade entre versões e edições de um mesmo texto, levando em conta a presença de um suporte virtual para a escrita, também seja um sinal dos nossos tempos, os tempos da internet — não só mais um espaço para depósito de arquivos, mas também um suporte de criação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZON já vende mais livros eletrônicos do que impressos. In: Exame.com. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/amazon-ja-vende-mais-livros-eletronicos-do-que-impressos> Acesso em 2 de dez. 2012.

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. Entrevista publicada no site Argumento.net em 26 de março de 2009 (concedida em 2002). Disponível em: <http://www.argumento.net/pop-arte/tece/fabricio-carpinejar/> Acesso em 1 de dez. 2012.

BLOGS fazem pessoas escreverem pior, diz José Saramago. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1202308-6174,00-BLOGS+FAZEM+PESSOAS+ESCREVEREM+PIOR+DIZ+JOSE+SARAMAGO.html> Acesso em 1 de dez. 2012.

CARDOSO, Joana Amaral. "O Caderno": José Saramago "bloguista". Público, 18 de jun de 2010. Disponível em: <http://www.publico.pt/cultura/noticia/o-caderno-jose-saramago-bloguista-1442537>

ECO, Umberto, CARRIERE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Tradução de Andre Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESCRITORES refletem sobre internet e suas relações com jornalismo, livro, biblioteca, blogs e cinema. In: CISECO – Centro Internacional de Semiótica e comunicação. Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/index.php/noticias/12-gerais/142-livros-internet.html> Acesso em 1 de dez. 2012.

JOHN LOCKE (AUTHOR). In: WIKIPEDIA. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Locke\\_\(author\)](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Locke_(author)) Acesso em 1 de dez. 2012.

KIEFER, Charles. Caminha, corno. Releituras. Disponível em [http://www.releituras.com/ckiefer\\_caminha.asp](http://www.releituras.com/ckiefer_caminha.asp) Acesso em 23 de ago. 2012.

KIEFER, Charles. Gemidos. In: Logo tu repousarás também. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 41-47.

LOES, João. João Ubaldo Ribeiro: “a internet é a perdição do escritor”. Istoé independente, 22 de jul. de 2011. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/147801\\_A+INTERNET+E+A+PERDICA+DO+ESCRITOR](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/147801_A+INTERNET+E+A+PERDICA+DO+ESCRITOR) Acesso em 1 de dez. 2012.

SARAMAGO, José. O caderno de José Saramago. Disponível em:  
<http://caderno.josesaramago.org/> Acesso em 1 de dez. 2012.

Acesso em 1 de dez. 2012.

## **SOBRE A AUTORA**

Doutoranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do RS (2012/ ); Mestre em Teoria da Literatura no eixo da Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do RS - PUCRS (2010/2012); Especialista em Estudos Linguísticos do Texto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2009/1) e Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA (2006/2). Participou, no ano de 2009, da Oficina de Criação Literária ministrada pelo professor Luiz Antonio de Assis Brasil, na Pontifícia Universidade Católica do RS - PUCRS. Atualmente, é orientanda da professora Sissa Jacoby, bolsista do Cnpq e editora do Notícias Fale, jornal da Faculdade de Letras da PUCRS. Tem especial interesse por estudos nas áreas de Crítica Feminista, Criação Ficcional, Teorias Críticas Contemporâneas e Teorias do Texto e do Discurso. Atualmente, realiza pesquisa sobre literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres.